

AUDIOVISUAL PARA PRIMEIRA INFÂNCIA: análise da série *Me Explica!*¹

AUDIOVISUAL FOR EARLY CHILDHOOD: analysis of the *Me Explica!* serie

Juliana Tonin²

Jhonatan Mata³

Sara de Moraes⁴

Resumo:

O objetivo do artigo é promover um reconhecimento inicial de questões suscitadas pela produção audiovisual voltada para a Primeira Infância, a partir de incursão analítica na série *Me Explica!*, composta por três vídeos: *As Perguntas*, *As Mentiras* e *As Telas*. Lançada em 2025 pelo Instagram dos produtores, a série foi direcionada a profissionais que atuam com crianças, pais, mães e responsáveis, com o intuito de fomentar a interação entre adultos e crianças por meio da exibição dos vídeos. O percurso analítico foi inspirado na metodologia de Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), proposta por Coutinho (2016), e fundamentado nas categorias de análise extraídas das características da narrativa da comunicologia doltoniana, conforme Tonin (2024). Os principais resultados são reflexivos ao destacar as indagações que emergiram ao longo do processo de produção dos vídeos, além de potenciais e lacunas para o desenvolvimento de uma produção audiovisual voltada para a Primeira Infância.

Palavras-Chave: Comunicologia doltoniana. Audiovisual. Primeira Infância.

Abstract:

The aim of this article is to promote an initial recognition of issues raised by audiovisual production aimed at Early Childhood, based on an analytical incursion into the *Me Explica!* series, made up of three videos: *The Questions*, *The Lies and The Screens*. Launched in 2025 on the producers' Instagram, the series was aimed at professionals who work with children, as well as fathers, mothers and guardians, with the aim of encouraging interaction between adults and children by showing the videos. The analytical approach was inspired by the Audiovisual Materiality Analysis (AMA) technique proposed by Coutinho (2016) and based on the categories of analysis extracted from the narrative characteristics of Doltonian communicology, according to Tonin (2024). The main results are reflective, highlighting the questions that emerged during the video production process, as well as the potentials and gaps for the development of audiovisual production aimed at Early Childhood.

Keywords: Doltonian communicology. Audiovisual. Early Childhood.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Processos Comunicacionais, Infâncias e Juventudes. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Fundadora da ComCrianças, Membro do Grupo Diretivo da Repi-RS (Rede Estadual Primeira Infância do Rio Grande do Sul). Doutora em Comunicação com Pós-doutorado em Sociologia da Infância (Paris V - Sorbonne). tonin.ju@gmail.com.

³ Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF), Coordenador do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq) e dos Programas de Treinamento Profissional Música para Olhos & Ouvidos e Pró-Polis. Doutor em Comunicação Ecopós-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Blanquerna School Barcelona, jhonatanmata@yahoo.com.br.

⁴ Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF) / Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve (Ciac - UAlg), membro do Grupo de Pesquisa Sinestelas (CNPq). Bolsista Capes PDSE, sarademoraes@gmail.com.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo realizar uma primeira análise da Série *Me Explica!*, composta por três audiovisuais de cerca de cinco minutos cada, intitulados *As Perguntas*, *As Mentiras* e *As Telas*. Produzida no segundo semestre de 2024 para crianças da Primeira Infância (faixa etária de 0 a 6 anos), a série foi lançada em 23 de janeiro de 2025. Disponibilizada no Instagram, pelos perfis dos produtores, a série foi direcionada a profissionais que atuam com crianças, além de pais, mães e responsáveis, com o intuito de promover a interação com as crianças a partir da exibição dos vídeos.

Consideramos que este texto se configura como uma primeira análise, uma vez que atuamos como produtores da Série, o que nos permite identificar e refletir sobre diversos pontos em relação ao formato audiovisual voltado para crianças dessa faixa etária. Um dos pontos-chave e, ao mesmo tempo, paradoxal, é justamente o incentivo ao consumo de audiovisual para crianças tão pequenas. Sabemos que a Sociedade Brasileira de Pediatria adota uma postura rigorosa em relação ao uso de telas, sugerindo, por exemplo, a abstenção do uso delas para crianças de 0 a 2 anos (sem especificar os tipos de telas ou os contextos de uso). Também estamos cientes da Lei nº 15.100/2025⁵, que proíbe o uso de celulares nas escolas públicas e privadas. Embora este debate seja de extrema importância, optamos por deixá-lo para outro momento, indicando um texto recente⁶ que aborda aspectos desse tema. O foco deste artigo recai sobre as questões metodológicas envolvidas na produção de audiovisual voltado para a Primeira Infância.

2. Primeira Infância

Desde a Constituição Federal de 1988, o Brasil garante, no artigo 227, que crianças e adolescentes devem ser considerados sujeitos de prioridade absoluta. O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) consolidou seus direitos fundamentais. Em 2010, a Rede Nacional

⁵ BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Proíbe o uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais por estudantes durante a aula, o recreio ou intervalos entre as aulas, em escolas públicas e privadas de todo o território nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 13 jan. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm

⁶ TONIN, J.; MARTINS, G.; SEHAPARINI, I.; FRIZZO, G.. Zero Telas para Bebês: ficção científica? In: VITORINO, I.; GUEDES, B.; “Crianças, adolescentes e jovens: riscos e oportunidades na cultura digital”, São Paulo: Pimenta Cultural, 2024 (no prelo).

Primeira Infância, em parceria com a ANDI e com a aprovação do CONANDA, lançou o *Plano Nacional pela Primeira Infância*, um documento técnico e político cujo objetivo é “mudar a situação estrutural e as condições de vida e desenvolvimento de milhões de crianças brasileiras” (2020, p. 10). Esse plano, vigente até 2022, foi atualizado em 2020 e teve seu período ampliado até 2030.

Influenciado por essas diretrizes, em 2016, o Brasil instituiu o Marco Legal da Primeira Infância, com o propósito de promover políticas públicas voltadas ao desenvolvimento integral das crianças dessa faixa etária. Em 2024, como parte das ações previstas no Marco Legal, foi criada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança, que define sete eixos prioritários de atenção para crianças de 0 a 9 anos, com especial ênfase nos primeiros anos de vida.

Com isso, somam-se 37 anos de uma história que progressivamente articula pessoas e instituições para promover atenção, cuidado e direitos para as crianças desde a concepção. No entanto, no campo da Comunicação no Brasil, especialmente a partir do surgimento da pós-graduação (na década de 1970) até seus 50 anos (em 2020), observam-se lacunas consideráveis quanto ao interesse por pesquisas, produção de conhecimento e conteúdos direcionados para crianças com menos de 6 anos. A pesquisa *Comunicação e Infância*⁷ evidenciou a ausência de estudos voltados para bebês até aquela data, bem como a escassez de investigações direcionadas para crianças pequenas, que frequentemente foram preteridas em prol de faixas etárias maiores, justificando-se pela complexidade metodológica e pela necessidade de aquisição das competências de fala, leitura e escrita. Essas considerações visam, portanto, destacar a relevância da Primeira Infância no cenário nacional, além de ressaltar que, no campo da Comunicação, todo estudo ou prática voltada para essa fase da vida representa um passo inicial significativo. Nossa objetivo aqui é compartilhar um relato de percurso para contribuir com o campo ao expor reflexões, questionamentos e aprendizados que emergiram ao longo do processo de produção da Série, ampliando os saberes sobre Comunicação e Primeira Infância.

3. Como surgiu a Série?

⁷ TONIN, Juliana; MACHADO, Anderson. Infância na Pesquisa em Comunicação no Brasil: teses e dissertações de 1970 a 2020. Revista Memorare, v. 10, n. 1, mai./out. 2023.



Em maio de 2024, o Brasil e diversas regiões do mundo voltaram seus olhares para o Rio Grande do Sul. A enchente sem precedentes, como classificou o governador do Estado, superou em muitos metros as marcas deixadas pelas águas de 1941. Foram 478 municípios afetados, de um total de 497 que compõem a região. Mais de 2 milhões de pessoas atingidas, 806 feridos, 27 desaparecidos, 183 óbitos confirmados nesta catástrofe climática⁸.

De forma surpreendente, ao mesmo tempo em que subiam as ondas dos rios, ondas de solidariedade desciam, tentando frear as águas com as mãos. Assim nascia a Série, embora descobríssemos bem depois.

A partir da união de esforços de diversas redes, incluindo a Rede Estadual Primeira Infância do Rio Grande do Sul (Repi-RS), a Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), a Rede de Pesquisas em Comunicação, Infâncias e Adolescências (Recria), a ANDI, o PIM (Primeira Infância Melhor), a ComCrianças e o Sinestelas, diversas ações foram desenvolvidas para apoiar as infâncias gaúchas. Entre essas ações, destacam-se orientações para a cobertura jornalística, para casos de crianças desacompanhadas ou desaparecidas, e diretrizes sobre o uso de imagens de crianças e jovens, todas implementadas às pressas. Dentre as necessidades do contexto, foi percebida a falta de um conteúdo verdadeiramente orientador direcionado para as crianças, que pudesse também auxiliar os adultos a dialogarem com elas sobre o que estava acontecendo. Alguns materiais em formato de livros infantis foram distribuídos, acompanhados de recomendações baseadas em uma interpretação psicológica, que sugeriam evitar diálogos com as crianças, sob a alegação de que isso poderia “reeditar um trauma”. A pesquisa *Infâncias em Diálogo: rumos para uma prática comunicológica*, estava em fase finalização de seus resultados iniciais para publicação e evidenciava o oposto: as crianças precisavam de informações e diálogo. Dentre os materiais de análise da pesquisa havia um livro infantil, escrito por Catherine Dolto e Colline Faure-Poirée, o *Les mots et les images qui font peur*, voltado para crianças da Primeira Infância sob a temática: viver situações extremas. Ele foi escrito a partir da vivência de situações de terrorismo e pareceu adequado para situações de enchentes também.

⁸ BRASIL. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Situação nos municípios. 2025. Disponível em: <https://sosenchentes.rs.gov.br/situacao-nos-municipios>. Acesso em: 5 jan. 2025.



FIGURA 1 – Capa do livro *Les mots et les images qui font peur*
FONTE - Acervo pessoal.

A pesquisadora promoveu a tradução e adaptação do conteúdo do livro pela ComCrianças e, em parceria com os pesquisadores do Grupo Sinestelas, produziram uma versão em vídeo, o *Palavras e Imagens que dão medo*⁹, com finalidade educativa. Publicado via Instagram, em colaboração com a Rede Recria, o PIM (Primeira Infância Melhor) e a RNPI (Rede Nacional Primeira Infância), o vídeo alcançou mais de 7000 visualizações¹⁰.

Seu conteúdo e formato gerou um impacto positivo nos territórios, com relatos potentes, em especial de profissionais gestores da Saúde e da Educação Infantil do Rio Grande do Sul. O processo de produção do vídeo durou menos de uma semana, em função da urgência na distribuição, mas já evidenciou elementos importantes para a criação de conteúdos audiovisuais para essa faixa etária.

Com a publicação dos resultados da pesquisa no livro *Comunicação com crianças, princípios de uma comunicologia doltoniana*, Tonin (2024) identifica e propõe vários princípios que ampliam a compreensão sobre os diálogos com crianças, que, segundo ela, tem

⁹ ComCrianças; Sinestelas. Imagens e Palavras que dão medo. Instagram, 03 set. 2024. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C_eBJJhxH1T/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 20 fev. 2025.

¹⁰ É válido pontuar que esse registro se restringe à publicação oficial no Instagram feita em colaboração por Sinestelas (@sinestelas), Primeira Infância Melhor (@pimrs), Rede Nacional Primeira Infância (@rede.primeirainfancia) e Rede Recria (@rederecria) - à época o ComCrianças ainda não possuía perfil nesta plataforma digital. O vídeo foi replicado por outras entidades e pessoas físicas, além de compartilhado via WhatsApp entre os que tinham acesso a celulares entre as vítimas e voluntários, durante as enchentes no Rio Grande do Sul. Assim, presume-se que o número de visualizações tenha sido significativamente maior.

um caráter midiático intrínseco. Sua premissa é a de que, nas interações cotidianas, adultos ocupam papéis de grandes mídias frente aos pequenos, revela (Tonin, 2024, p. 102).

Além disso, sua principal evidência destaca a ideia de que a gênese da desinformação pode estar enraizada na Primeira Infância, nas interações cotidianas entre adultos e crianças. Até então, a desinformação era percebida apenas como um fenômeno das mídias, especialmente a internet, mas, segundo Tonin (2024), é um produto de interações humanas que se aprende desde cedo. A partir dessas descobertas, a autora criou o projeto *Primeira Infância Bem Informada* pela ComCrianças, com o objetivo de atuar pela mitigação da desinformação desde os primeiros anos de vida. Configurando-se como ação inicial do projeto nasceu a *Me Explica!*, em parceria com o Grupo Sinestelas, a série de vídeos que aborda alguns temas-chave na gênese da desinformação, com base na comunicologia doltoniana: o ato de perguntar e responder, de mentir, de acessar fontes seguras de informações. Como fontes para a narrativa, foram traduzidos e adaptados dois livros infantis de Catherine Dolto e Colline Faure-Poirée, o *Les Mensonges* (As Mentiras) e *Les écrans* (As Telas).



FIGURA 2 – Capas do livros *Les mensonges* e *Les écrans*
FONTE - Acervo pessoal.

Já o texto do vídeo *As Perguntas* é autoral, escrito por Tonin, a partir da comunicologia doltoniana. Os vídeos foram publicados pelo Instagram nos dias 28 de janeiro (As Perguntas)¹¹,

¹¹ ComCrianças; Sinestelas. As Perguntas. Instagram, 28 jan. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DFXtb1wp_Sb/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 20 fev. 2025.

04 (As Mentiras)¹² e 11 de fevereiro (As Telas)¹³, em colaboração com a Repi-RS (Rede Estadual Primeira Infância), RNPI (Rede Nacional Primeira Infância) e apoio do PIM (Primeira Infância Melhor), alcançando cerca de 2400, 1800, 1800 visualizações até o momento, respectivamente.

4. Comunicologia doltoniana em narrativa

Primeiramente, é essencial compreender o que configura a comunicologia doltoniana e o que se entende por uma narrativa fundamentada nessa perspectiva.

A comunicologia doltoniana é uma proposta conceitual nova, originada da pesquisa e do livro mencionados anteriormente. Trata-se de uma abordagem que parte da análise das interações cotidianas entre adultos e crianças, em conexão com os fundamentos da obra de Françoise Dolto (primeira pediatra e psicanalista francesa) e de sua filha Catherine Dolto (médica, socióloga e haptonoterapeuta). Além do vínculo filial, ambas estabeleceram uma parceria profissional profunda, compartilhando uma missão comum. Entre 1976 e 1978, quando Françoise Dolto protagonizou um programa na Radio France Inter, no qual respondia a dúvidas de pais, mães e responsáveis por crianças, Catherine era a responsável por receber, ler, selecionar e categorizar as perguntas que chegavam por meio de cartas.

Françoise Dolto, que viveu entre 1908 e 1980, desenvolveu uma teoria psicanalítica própria, publicou mais de 30 livros em diversos países - cerca de 20 apenas no Brasil - e foi pioneira ao desafiar concepções sobre a criança na década de 1930. Ela ousou propor que o bebê deve ser visto como sujeito e não apenas como um ser centrado em suas necessidades fisiológicas, como um "tubo digestivo" (Tonin, 2024).

Conforme Tonin, ao estudar a obra de Françoise Dolto, foi possível perceber que, antes de ser uma pediatra e psicanalista - campos de grande complexidade para a época, especialmente para mulheres nascidas em famílias burguesas que eram destinadas ao casamento -, ela foi, na verdade, uma comunicóloga. Embora nunca tenha se apresentado como tal, o estudo de sua obra revelou que a grande preocupação de Françoise estava profundamente

¹² ComCrianças; Sinestelas. As Mentiras. Instagram, 04 fev. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DFp0ivst_YY/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFIZA==. Acesso em: 20 fev. 2025.

¹³ ComCrianças; Sinestelas. As Telas. Instagram, 11 fev. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DF8BqUxNd4Y/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRlODBiNWFIZA==. Acesso em: 20 fev. 2025.

ligada ao ato de comunicar. A partir dessa perspectiva, a autora identificou três pilares fundamentais na dinâmica comunicacional de Françoise: 1) o olhar, 2) o escutar e 3) o direcionamento de palavras para as crianças (Tonin, 2024).

Catherine Dolto seguiu os passos da mãe com originalidade. Desde a década de 1980, publica uma coleção intitulada *Mine de Rien* pela Gallimard Jeunesse. Até hoje, publicou mais de 88 livrinhos dirigidos para crianças da Primeira Infância, com o lema "quando compreendemos melhor, crescemos melhor" (Tonin, 2024). Embora sua obra ainda não seja conhecida no Brasil, Catherine está ciente e acompanha com entusiasmo a proposta da comunicologia doltoniana. O foco principal dos seus livros, que são a base dos vídeos da série *Me Explica!*, reside em uma dimensão de destaque da tríade comunicológica: a das **palavras dirigidas**. A partir da análise de sua coleção, foi possível identificar que sua narrativa apresenta características próprias, claramente enraizadas no legado de sua mãe, mas com uma proposta inovadora para abordar formas de como os adultos podem informar as crianças sobre diversos assuntos.

Em síntese geral, as características da narrativa doltoniana são compostas por quatro pontos fundamentais (Tonin, 2024, pp. 156-175):

- 1) **Voz:** a importância de encadear as palavras e “emitir de forma gentil, terna, afetiva, desencadeando uma amabilidade;
- 2) **Didatismo:** afirmações claras e precisas, evocando a “ordem das coisas” com intenção de “ordenar as coisas”, estimulando uma tranquila sucessão de acomodação de informações;
- 3) **Técnicas de reportagem:** a) pauta tema de interesse de forma abrangente e atemporal; título curto e forte, c) narrador é onipresente, d) mescla de discurso direto e indireto pela contribuição de fontes, e) apresentação de pontos de vista diferentes; f) ausência de culpabilização e vitimização, tom informacional;
- 4) **Ideias-força doltonianas:** a) visão de hierarquia familiar; b) superação da dicotomia entre bem e mal; c) consciência da desorientação informacional.

Complementando esses pontos, os relatos de Catherine Dolto sobre a produção dos livros da *Mine de Rien* revelam um cuidado e atenção minuciosos na definição das palavras, mas também das imagens: sempre imagens ternas. Existe, assim, um tom de voz que se funde com um “tom das imagens” nos livrinhos. Na adaptação, ou criação de um formato audiovisual

para essas narrativas, o primeiro desafio se dá justamente na adaptação dos formatos, especialmente em relação às imagens.

5. Audiovisual para as infâncias

François Jost relata que, apesar de possuir uma linguagem muito mais próxima do cinema, “teoricamente, a televisão aparece primeiro como um complemento do rádio” (Jost, 2007, p. 43). Assim, os programas de auditório, inspirados no rádio, predominaram entre as atrações no Brasil e no mundo, inclusive nas infantojuvenis, dos primórdios da TV ao início do século XXI, com intenção de cativar um público futuro para a nova mídia. Neste formato, o audiovisual para crianças e adolescentes foi dominado por um carrossel de programas centrados no carisma do apresentador, que conduzia brincadeiras com a plateia mirim intercaladas por desenhos animados - formato mais longevo e popular na TV aberta nacional.

Um levantamento realizado por Leopoldo Nogueira Silva em dissertação de mestrado (2011, p. 174-189) catalogou 21 programas nomeadamente informativos voltados para o público infantojuvenil em diferentes partes do mundo. Destacamos aqui o Newsround, atração da TV pública britânica BBC, que permanece no ar desde 1972 e o objeto de pesquisa mais citado entre pesquisadores do tema (Fillol; Pereira, 2020). No Brasil, a título de exemplo entre os que tratam de temas educativos, foi ao ar o Vila Sésamo (1972) - inspirado no estadunidense Sesame Street (1969), que ganhou uma versão brasileira em 1972, em uma parceria entre Rede Globo e TV Cultura. A atração, em sua variação nacional, trouxe para as telinhas a interação de fantoches e bonecos de animação com uma família operária, interpretada por um elenco de peso (Laerte Morrone, Aracy Balabanian, Sonia Braga, Manuel Inocêncio). A grade infantil da emissora mais assistida à época ainda contou com o Globinho (1972), que seguia moldes próximos à Newsround e conseguia fazer um jornalismo sem censura em plena ditadura militar no qual as crianças eram os protagonistas das pautas (Moraes; Vieira Filho; Mata, 2023).

É interessante também registrar como produto audiovisual voltado para a juventude o advento do canal de televisão MTV (1981), que popularizou a estética de imagens aceleradas e a experimentação da linguagem de videoclipe (Machado, 2001) e trazia, para

além dos clipes musicais, programas que discutiam assuntos considerados tabu a serem conversados com adolescentes à época (Mata, 2019).

Com o Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257/2016), que determinou a adoção de medidas para proteger a criança de qualquer forma de violência e pressão consumista, evitando exposição precoce à publicidade, o tempo de exibição de conteúdo infantojuvenil na TV aberta (dependente do anunciante e que, à época, careceu de uma visão de longo prazo) começou a minguar. As produções que antes chegaram a ocupar oito horas da grade foram reduzidas ou até extintas, como no caso da Globo, o que restringiu a maior oferta de programações para a faixa etária em TV aberta para as televisões estatais e educativas (TV Extraordinária, 2021).

Essa nova configuração transmídiática acabou por gerar outros tipos de agregação e consequentes emergências na produção de um conteúdo com características específicas. No reino *prosumer* dos fãs de *likes* e *views*, sintetizar, otimizar, ressignificar e impactar passaram a ser palavras de ordem (Mata, 2019). Segundo Carlos Alberto Scolari (2013), tal dinâmica torna consumidores e produtores de conteúdo em colaboradores na construção de ambientes imersivos e mais complexos. Nesse espaço narrativo, qualquer elemento pode se tornar um recurso potente — um post de rede social, produções tradicionais, um videoclipe, o universo da animação e dos games. As crianças, mesmo que, em muitos casos, incentivadas pelos pais, passaram elas próprias a produzir conteúdo e serem compreendidas não mais como um investimento de audiência futura, mas com perspectivas de se tornarem “influencers” antes de crescerem (Tomaz, 2019).

Toda essa efervescência de produções que pulsam pelas redes, a despeito de limitações de idade nas plataformas ou de orientações da Sociedade Brasileira de Pediatria (das quais falamos no início deste artigo), seguem a se multiplicar dentro de um ambiente que, no caso brasileiro, possui pouquíssima regulamentação que limite ou controle a propagação de conteúdos. Somam-se aqui os riscos de utilização indevida da imagem de crianças com ou sem inteligência artificial, roubo de dados, pedofilia digital. Esses fatores também constituem um desafio para quem busca, por meio do audiovisual, fazer com que conteúdos de qualidade cheguem a crianças e adolescentes que também têm o direito a se informarem, interagirem e se verem representados. Nesse oceano de dados, deixamos os pequenos à deriva ao optar por subtrair seus barcos no lugar de ensiná-los a navegar.

Ao produzir a Série *Me Explica!* nos deparamos com todas essas questões e sobretudo com a necessidade de pensarmos na experiência singular de crianças de 0 a 6 anos, para as quais a narrativa doltoniana estava direcionada.

6. A Série: pontos-chave na produção

Consideramos que essa é a segunda incursão analítica em torno da série *Me Explica!*. A primeira delas consistiu no estudo da perspectiva doltoniana de comunicação e nos recursos de audiovisualidades mapeados no Sinestelas – laboratório de análises em audiovisualidades (CNPq/PPGCom UFJF) – para confecção do material. E deságua, a seguir, na análise da materialidade audiovisual. Proposta por Coutinho (2016), o método nos parece apropriado, sobretudo, por se mostrar capaz de associar o fazer científico das especificidades dos produtos audiovisuais, em suas etapas de feitio e circulação. Em seus conjuntos discursivos que criam uma determinada “unidade” formada a partir da junção de texto, som, imagem, tempo e edição, que aqui, especificamente, caracterizamos como uma “dramaturgia da primeira infância”. Para a pesquisadora, a AMA abarca

a identificação objeto empírico a ser investigado, e o estabelecimento de eixos e itens de avaliação tendo em vista as questões de pesquisa, o referencial teórico utilizado e ainda, mas não menos importante, os elementos paratextuais que se inscrevem em uma determinada materialidade audiovisual (Coutinho, 2016, p. 10)

Assim, definimos de antemão nosso objeto de análise – os três episódios da série *Me Explica!*, destacamos a forma de obtenção do material – o Instagram dos produtores (Grupos ComCrianças e Sinestelas), buscamos referenciais teóricos compatíveis com a discussão pretendida – sobretudo ancoragens nos pontos fundamentais da narrativa doltoniana – para, finalmente, definir os eixos e itens de avaliação dos produtos, que totalizam 14'46" de audiovisual. A ideia de paratexto, descrita por Gerard Genette (2009) e aplicada por Coutinho (2016) à análise da materialidade audiovisual foi norteadora no decorrer de nosso contato com o recorte. Refere-se ao material que acompanha o texto, e que contribui para sua leitura/ interpretação. Este se dividiria em dois grandes subconjuntos, peritexto e epitexto, sendo o primeiro anterior à obra e o segundo a materiais que circulam fora dela. Optamos, pela pertinência, por utilizar os pontos fundamentais da narrativa doltoniana também como “nomes de batismo” dos eixos de avaliação da AMA, a saber: a- a voz; b- didatismo; c- técnicas de reportagem + ideias-força doltonianas (essas duas últimas agrupadas em função de

elementos comuns, como a quebra de dicotomias e a preocupação com a informação). Acrescentamos um quarto eixo, o d - Imagens do Livro para o Vídeo, pois ele gerou reflexões profundas que exigiram uma busca constante pelo equilíbrio entre a necessidade de adaptação cuidadosa das premissas doltonianas e o desafio de atingir o objetivo final de criar um produto audiovisual. Observados ainda em seus paratextos, esses parâmetros nos permitem entender a iniciativa de mobilização e compreender os sentidos que esses produtos propuseram ao seu público imaginado.

a) A voz: a força da suavidade

Levando-se em conta que, em situações extremas, uma estratégia assertiva de comunicação pode se alicerçar no extremo oposto: um discurso de amabilidade e acolhimento, a questão da voz é elemento chave e basilar da composição da série. E começa antes da materialidade da produção, especificamente em um paratexto circulante: Fernanda Takai e sua “persona midiática” construída desde 1992 como vocalista, instrumentista e compositora do grupo musical mineiro Pato Fu. Conhecida por sua voz suave, Takai assina com o marido a composição da canção “Me Explica”, originalmente lançada no álbum “Pato Fu - MTV ao vivo” (2002), que serviu de inspiração para o nome da série e de trilha para o vídeo de divulgação da mesma. Na letra, um eu lírico que poderia facilmente ser uma criança, cobra explicações sobre um “estar no mundo” que foi totalmente modificado. “Me explica/Havia você e o céu/Havia você e o mar/Já não há. Me explica/Me diz onde vim parar/Pois quem sempre esteve aqui/Já não está”. A banda, a nosso ver, poderia estabelecer conexões paratextuais com o público infantil para o qual a série se volta principalmente por possíveis “laços sociais” (Wolton, 1999) e audiovisuais já estabelecidos a partir dos projetos “Música de Brinquedo I”(2010) - vencedor do Grammy latino 2011 de melhor álbum de música latina para crianças e “Música de Brinquedo II” (2017). Os projetos trazem regravações de músicas famosas nacionais e internacionais, elaboradas com miniaturas e instrumentos de brinquedo, que conquistaram o público infantil.

Cumpre lembrar que a suavidade da voz da vocalista, que declarou utilizar a mesma tonalidade da fala para o canto, nunca foi consenso entre os críticos de mídia, sendo classificada como “anorexia vocal” nos anos 1990, ao mesmo tempo em que a banda figurava entre as melhores do mundo em ranqueamentos de diversas publicações especializadas. Atacada por seu timbre suave, Takai é uma espécie de contraponto aos malabarismos e hiperemissões vocais, valorizados em espaços

como reality shows musicais – e que encarceram tessituras “dignas” em alcances vocais de cinco oitavas e uma tempestade de melismas. Para Eduardo Benesi (2014), sua emissão é “uma voz sem espinhos, sua harmonia entre doce e fácil, o coração parece se encostar aos ouvidos (...), num registro suave de uma joaninha que canta”. Em entrevista para Marcelo Tas no Programa Provoca (TV Cultura/2022) ao ser interpelada a respeito de seu timbre baixo, a artista declarou ter sido “beneficiada por cantoras e cantores como Nara Leão, João Gilberto que abriram espaço para os cantores de microfone, de timbre mais delicado, como a própria Rita Lee, figura mais importante do rock”.

Esse mesmo tom de amabilidade foi perseguido ao se conceber a série *Me Explica!*. Num cenário de pós-catástrofe do primeiro vídeo, a narradora Sara de Moraes “conversa” com seu público como se dialogasse com seu próprio filho sob a sombra de uma árvore. Por meio de uma emissão gentil, sua voz encadeia palavras que, para além da importante tarefa de informar, tenta desonerar as crianças de dúvidas e, principalmente, do sentimento de culpas de toda a sorte, como fazer perguntas sem ser humilhado por ter curiosidade ou parecer inoportuno por questionar as “coisas da vida”. Acompanhada de BGs (*background* ou som de fundo) suaves e de uma cadência de imagens que foge do frenesi típico de uma vertente clássica da “estética do videoclipe” (Soares, 2013), Moraes, tal qual as “cantoras de timbre suave” aproxima sua narração do diálogo franco, que apostava na abertura com o interlocutor do outro lado da tela, sem o qual a produção perde todo o sentido de feitio. Dá vida ao texto com uma narração acolhedora doltoniana. Uma espécie de contraponto à comunicação violenta (imagicamente inclusive) de parte das produções do próprio jornalismo audiovisual na cobertura da tragédia no RS ou de videografias amadoras que circulam na web a respeito da pauta.

b) Didatismo: informar sem subestimar o público

Outro desafio na concepção da série orbitou em torno da preocupação didática com seu conteúdo. Para além de uma voz acolhedora que sustentasse o texto, era necessário compreender toda a potência cognitiva de bebês e crianças como sujeitos, para além de um “tubo digestivo” ávido por engolir e decompor também audiovisualidades. Considerando olhos e ouvidos atentos – e toda uma possível sinestesia presente nesse processo de decodificação das situações extremas e seus ecos, as produções operam com a valorização de pontos de vista, contextos e conceitos. Como a própria tentativa simples de definir um gesto complexo como

perguntar, que, no vídeo 1 (As perguntas) se define como o ato de “buscar resposta para alguma coisa que a gente sentiu curiosidade de saber” ou conceituar o ato de mentir que é “dizer uma coisa como se ela fosse verdade, ainda que a gente saiba que não é” (episódio 2, “As mentiras”). A partir dos conceitos, uma “tranquila sucessão de acomodação de informações” vai se descortinando, sensível à qualidade e quantidade do que se deseja ensinar e aprender/apreender. Tomando por base os dois exemplos anteriores, após um primeiro estágio de conceituação e nominação das coisas, passa-se para sua complexificação, ao se relatar que “a vida é cheia de coisas que despertam a nossa curiosidade e temos direito de perguntar” (episódio 1) ou “às vezes a gente imagina tão intensamente algo dentro da nossa cabeça e do nosso coração que a gente acredita naquilo verdadeiramente. É verdade para nossa imaginação, mas falso para os outros” (episódio 2). Aqui, percebemos uma evocação à ordem das coisas, ainda que seja necessário, antes, reconhecer a desordem de pensamentos e sentimentos a que não só crianças mas também adultos estão sujeitos. Respeitando um tempo cadenciado e poético, há, com certa constância, uma tentativa honesta e não inocente (no sentido de não intencional) de aproximar angústias adultas e infantis, ainda que cada qual com suas especificidades. A expressão “a gente” (a gente imagina, a gente acredita, há verdades que a gente não pode dizer) e o uso dos pronomes “nossa” e “nosso” e suas variações (a nossa imaginação, nossa vida) aproximam narradora e público e favorecem uma comunicação horizontal em perspectiva doltoniana, mas também freireana de pedagogias dialógicas.

c) Técnicas de reportagem e ideias força-doltonianas: por uma informação mais colorida

No atual contexto de desinformação e mesmo de infodemia, que atinge crianças desde a primeira infância, mas também não poupa os adultos que diariamente recebem, via múltiplas telas, discursos que mais afagam visões de mundo do que desvelam a realidade, lançar mão de técnicas de reportagem foi recurso fundamental em nossa proposta. A junção de texto, som, imagem e edição de *Me Explica!* opera com um conjunto de elementos transpostos diretamente das técnicas de reportagem e destaca preocupação com os valores-notícia elencados por pesquisadores com Traquina (2005), Tuchman (1983), dentre outros. Os três eixos temáticos das produções trazem questões que invadem contemporaneamente as redações dos telejornais, bem como figuram com destaque em produções de youtubers, podcasts e séries de informação e de entretenimento. Basta pensar nas descrições de vídeos com as quais nos deparamos diariamente, tratando dos riscos trazidos pelo excesso de telas, das denúncias sobre *fakenews*.

(ou de seus espalhamentos como verdade, destruindo instituições e mesmo indivíduos de forma literal), ou das “perguntas” em sentido macro, que enfileiram produções de cunho existencial. Os títulos curtos e fortes “as mentiras”, “as perguntas” e “as telas” convidam para uma conversa aberta e de abrangência múltipla não apenas as crianças - para as quais a linguagem é especialmente pensada, mas também os adultos, imersos em narrativas curtas de feeds e plataformas que sintetizam em cortes e edições sincopadas temas complexo de maneira redutivista e perigosa.



FIGURA 3 – Frame da abertura: episódios da série *Me Explica!*
FONTE - Acervo pessoal.

O tom informacional se estabelece em diferentes frentes: no papel onipresente do narrador, que conduz o público de forma pausada, sem acelerações na velocidade do texto, no baile de pontos de vista. Destacamos, ainda, a fuga de uma culpabilização simplista ou dicotomia bem *versus* mal, típica daqueles que insistem, por exemplo, em fortalecer uma espécie de “Síndrome de Darth Vader” como conceituou Mata (2019) ao tratar dos vilões sem rosto no jornalismo audiovisual. Assim, nos três episódios da série, adultos e crianças fogem dos arquétipos de vilões ou heróis típicos de uma “dramaturgia do telejornalismo” (Coutinho, 2012). Ambos são vistos em suas humanidades plenas, capazes de mentir e de sofrer com a mentira alheia, de perguntarem e de serem ridicularizados por suas indagações, de se cansarem ou de sentirem falta da presença de telas. A não culpabilização-vitimização se dá pela valorização dos pontos de vista, como se pode perceber no exemplo do vídeo “As Perguntas”:

(...) A gente tem o direito de perguntar. E os adultos responsáveis por nós sabem que quando a gente é criança temos muitas curiosidades, e eles nos dão muitas respostas. (...) “Os adultos não têm todas as respostas. Eles também têm muitas perguntas e buscam outras pessoas e lugares em que essas respostas podem ser dadas (...). As Perguntas.

Esse ponto-chave da não culpabilização, como característica da narrativa doltoniana permeada de técnicas da reportagem, influencia diretamente no tom e entonação de voz,

valorizando todos os sujeitos e seus pontos de vista, além de mobilizar constantes reflexões sobre as escolhas das imagens.

d) Imagem do Livro ao Vídeo

Um dos aspectos mais destacados ao longo da produção foi a necessidade de identificar e caracterizar o que, de fato, seriam audiovisuais voltados para a Primeira Infância, com foco da narrativa doltoniana, diferenciando-os daqueles destinados ao público de 6 a 12 anos ou, até mesmo, de 13 a 17 anos, por exemplo. Essa diferenciação é clara? A partir de quais fundamentos e bases? Quais imagens seriam mais adequadas? Quais cenas? Literais ou simbólicas? Qual é o ritmo ideal? Em cada livrinho doltoniano consta uma média de 11 ilustrações, insuficientes para gerar um vídeo. Então, quantas teriam de ser?

As próprias questões já se configuraram como pontos-chave para reflexões. Não havia uma necessidade de obtenção de certezas, mas abertura para a experimentação. As decisões no contexto da produção foram orientadas pelas premissas doltonianas gerais: poucas e ternas imagens. Todas elas movidas pela necessidade de 1) ausência de culpabilização (evitando vilanizar ou gerar medo); 2) conferir um ritmo mais cadenciado e menos frenético; 3) operar com uma linguagem visual mais poética do que literal, ainda que combinadas com cenas cotidianas para gerar identificação. Tudo isso em diálogo com o didatismo da própria narrativa.

Além disso, foi evidenciada uma facilidade para localizar imagens que ofereciam estereotipia em relação às crianças, e as questões oriundas da Sociologia da Infância facilitaram a compreensão. Percebemos que grande número de imagens de crianças, mesmo na faixa etária entre 0 e 6 anos, já aponta para algum elemento que a relaciona com contextos de aprendizagem, de escola, ou mesmo de cenários com móveis e objetos que evocam a escola, a aprendizagem ou atividades vinculadas a esse universo. Buscamos alternativas que pudesse minimizar os imaginários sobre a criança restrito a esse ponto. Uma das principais questões levantadas pela sociologia da infância, especialmente na vertente francesa, é justamente sua origem pelo descolamento da sociologia da educação e busca por uma visão integral da criança, sem reduzi-la a um ser definido e institucionalizado pelo ato de aprender (Sirota, 2006).

A questão da aparição e ocultamento de rostos é, inclusive, algo sintomático em nosso recorte. Ao mesmo tempo em que pairava a grande preocupação com os usos de imagens de crianças, por vezes duplamente violentadas (pelos tragédias e pela exposição midiática

indevida) em outros espaços, recorremos aos bancos de imagens, a fim de preservar esse recorte etário e também enriquecer a narrativa com uma cadência adequada e rica de símbolos.



FIGURA 4 – Frame de episódios da série *Me Explica!*: imagens cortadas
FONTE - Acervo pessoal.

Dessa busca, surge outro sintoma expressivo do caminho trilhado: a constatação de repositórios de imagens com perfis europeizados, termo que utilizamos para sintetizar a percepção de que essas imagens dos bancos predominantemente privilegiam padrões estéticos e culturais ligados à população branca, não refletindo a pluralidade social, cultural, econômica, geográfica, étnica e racial do país. Assim, os diálogos imagéticos com a diversidade - sobretudo de infâncias - e suas fenotipias no Brasil ficaram restritos. Embora se trate de questão sensível e que exige estudo a parte para elucidações, percebemos como um achado de percurso relevante, que muito revela sobre as estereotipias - também imagéticas - que limitam em poucas cores nossa diversa caixa de lápis-conceitos de infâncias e no valor informacional desta representatividade.

Como último ponto de atenção em relação às imagens percebemos que, mesmo produzindo para um recorte de faixa etária bem específica, a Primeira Infância, existem muitos universos diferentes a cada “micro faixa”. Uma pessoa sendo gestada é diferente de uma pessoa nascida. Os primeiros dois anos envolvem experiências, paisagens e potenciais de exploração diferentes de sujeitos que já possuem quatro, cinco, seis anos. Coordenar imagens que contemplassem todas as fases, incluindo a presença de adultos, a partir da premissa de que o vídeo seria, poderia ou mesmo deveria ser visto com a presença de um adulto, possibilitou um exercício de visão e de escolhas que revelaram, por um lado, tudo o que no vídeo se poderia ver, mas também tudo aquilo que ainda precisamos ver.

6. Considerações Finais

Como evitar que uma audiovisualidade, ao abordar a catástrofe ambiental não se torne outra catástrofe mediada por telas, em looping? Nessa incursão analítica sobre a recém lançada

série *Me Explica!*, para além dos aprendizados, voltamos ao poder das perguntas, tema do vídeo abre alas do material: como produzir um material diverso diante das limitações de bancos de imagens e recursos para feitio? Como amplificar o consumo dessa série educativa numa batalha desigual com oligopólios de mídia e produtores de conteúdo com diretrizes éticas e estéticas questionáveis e milhares de views? Como fazer ecoar a voz da suavidade diante de tantos gritos de muitos decibéis mediados por telas, mas também pelas paredes das casas e hierarquias familiares? Como realizar uma produção audiovisual qualificada para a Primeira Infância?

Das lacunas causadas pela falta de interesse acadêmico no campo da Comunicação pelos menores de 6 anos ou mesmo da televisão aberta em função da proibição de publicidade para esta faixa etária, saímos desta análise com outras lacunas em mãos: a constatação da falta de representatividade nos repositórios de imagens, identificação de que muitas imagens acionam cenas de vilanização simplista, sutis ou explícitas em muitos níveis, além de reflexões sobre dispositivos a partir da complexidade que orbita a macro questão da proibição dos smartphones, muitas vezes reduzidos ao papel de novo Darth Vader contemporâneo. Entendimentos e mapeamentos mais amplos sobre riscos e potenciais dos celulares e de quem os opera com crianças em sala de aula ou em casa são essenciais para contemplar e compreender a experiência dos bem pequenos e de seus familiares ou cuidadores responsáveis.

Por outro lado, voltamos desse percurso com a noção revigorada da grande necessidade de priorizar uma comunicação qualificada com e para a Primeira Infância em todas as suas fases e a partir de todas as suas capacidades, condições e contextos. Voz, didatismo, técnicas da prática jornalística, ritmo, imagens são todos elementos que convergem do modelo de narrativa doltoniana a partir do qual experimentamos os vídeos. Apenas na França, os números de vendas da coleção dos livrinhos atingem um número expressivo de 1500 a 2000 exemplares vendidos por semana. Parece que há, lá, uma familiaridade cultural com o estilo de abordagem, suave, direta e didática, voltada para os pequenos, considerados sujeitos, ainda a ser descoberta em larga escala no Brasil. É evidente a necessidade de atenção sobre as diferenças culturais entre França e Brasil para se pensar nessa abordagem, contudo, a própria escritora da coleção, Catherine Dolto, comprehende que os temas definidos são universais ou mais próximos disso na

experiência infantil. ainda que a coleção também integre temas que surgem a partir da ideia de evolução dos contextos, como por exemplo, o da migração da era analógica para a digital.

Ainda que sem uma pesquisa de recepção com crianças em mãos, os feedbacks daquelas de nossos núcleos familiares e de amizades, dão-nos pistas para continuar apostando em

audiovisualidades para a Primeira Infância. Na crença ampliada de que “quando compreendemos melhor, crescemos melhor”, inclusive nas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BENESI, Eduardo. **Se renda à ternura inofensiva da voz de Fernanda Takai**. EoH. Disponível em: <https://eoh.com.br/nao-morra-sem-se-render-a-ternura-inofensiva-da-voz-de-fernanda-takai/>. Acesso em 16 Fev 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Art. 227. Brasília: Senado Federal, 2023.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. [S. 1.]: Senado Federal, 2023. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544281/estatuto_da_crianca_e_do_adolescente_2ed.pdf. Acesso em: 18 Fev 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016**. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 mar. 2016.

BRASIL. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025**. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais, inclusive telefones celulares, nos estabelecimentos¹ de ensino de educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 jan. 2025.

COMCRIANÇAS; SINTESTELAS. **Palavras e imagens que dão medo**. Instagram. 03 Set 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_eBJJhxH1T/. Acesso em 16 Fev 2025.

COMCRIANÇAS; SINTESTELAS. **Me Explica!. As Perguntas**. Instagram. 28 Jan 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFXtb1wp_Sb/. Acesso em 16 Fev 2025.

COMCRIANÇAS; SINTESTELAS. **Me Explica!. As Mentiras**. Instagram. 03 Fev 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DFp0ivst_YY/. Acesso em 16 Fev 2025.

COMCRIANÇAS; SINTESTELAS. **Me Explica!. As Telas**. Instagram. 11 Fev 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_eBJJhxH1T/. Acesso em 16 Fev 2025.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do Telejornalismo: a Narrativa da Informação em Rede e nas Emissoras de Televisão de Juiz de Fora - MG**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por científicidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 05 a 09/09/2016

DECRETO Nº 12.083, DE 27 DE JUNHO DE 2024. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2024/decreto-12083-27-junho-2024-795870-publicacaooriginal-1-172240-pe.html>. Acesso em: 21 Fev 2025.



FILLOL, Joana; PEREIRA, Sara. Crianças, jovens e notícias: uma revisão sistemática da literatura a partir da Communication Abstracts. **Comunicação E Sociedade**, 37, 147-168, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.17231/comsoc.37\(2020\).2429](https://doi.org/10.17231/comsoc.37(2020).2429). Acesso em 02 Mai 2024.

GENETTE, Gérard. **Paratexts: Thresholds of Interpretation**. Cambridge:Cambridge University, 1997.

JOST, François. **Compreender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada à sério**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001

MATA, Jhonatan. **O amador no audiovisual: conteúdos gerados por cidadãos comuns**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019

MATA, Jhonatan; CÂNDIDO, Gabriel. Tudo o que a antena captar: a TV cantada nas músicas do movimento BRock 80. Anais do XLIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – virtual, 04 a 09/10/2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-me/jhonatan-mata.pdf> Acesso em: 18 Jun. 2024

MORAES, Sara de; VIEIRA FILHO, Maurício João; MATA, Jhonatan; Telejornalismo Infantojuvenil em Tempos de Ditadura no Brasil: Reconhecimento, (In)Visibilidade e Pedagogização no Globinho. Anais do XIV

Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói, 2023. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/15N45TbFypVLs0vxPw-kc0IOVHN4IISj/view>. Acesso em 02 Mai 2024.

PROVOCA. Fernanda Takai | Provoça | 15/03/2022. YouTube. 15 Mar. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xTR3WRHMPi4>. Acesso em 16 Fev 2025.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA (RNPI); ANDI Comunicação e Direitos: **Plano Nacional Primeira Infância**: 2010 - 2022 | 2020 - 2030 /. 2^a ed.. Brasília: RNPI/ANDI, 2020

SCOLARI, Carlos. **Narrativas transmedia: cuando todos los medios cuentan**. Madrid:Deusdo, 2013.

SILVA, Leopoldo Nogueira. **Telejornais e crianças no Brasil: a ponta do iceberg**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Paraná.

SIROTA, Régine. **Éléments pour une sociologie de l'enfance**. Paris: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

SOARES, Thiago. **A Estética do Videoclipe**. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer? youtubers, infância e celebridade**. Salvador: Editora da UFBA, 2019.

TONIN, Juliana. **Comunicação com crianças: princípios de uma comunicologia doltoniana**. Porto Alegre: AGE, 2024.

TONIN, J; MACHADO, A.. Infância na Pesquisa em Comunicação no Brasil. In: **Revista Memorare**, Dossiê narrativas e imagens da infância. Tubarão: Unisul, 2023.

TONIN, J; MARTINS, G; SEHAPARINI, I; FRIZZO, G. Zero telas para bebês: ficção científica? In: GUEDES, B; VITORINO, I. **Crianças, adolescentes e jovens: riscos e oportunidades na cultura digital**. Fortaleza: Pimenta Cultural, 2025 (*no prelo*).

TUCHMAN, G. **La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1983.

TV EXTRAORDINÁRIA. **A Época de Ouro dos Programas Infantil | DOCUMENTO TV | T2:E4**. YouTube. 10 de mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXQqFDUypRM&t=377s>. Acesso em 04 Abr 2023.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Algés: DIFEL, 1999.